

PAPERS N° 8

COMITÉ DE AÇÃO

AMP 2014-2016

Patricio Alvarez (EOL)

Vilma Coccoz (ELP)

Jorge Forbes (EBP)

Clara Holguin (NEL)

Clotilde Leguil (ECF)

Maurizio Mazzotti (coordenador) (SLP)

Nassia Linardou (NLS)

Responsável pela edição

Marta Davidovich (ELP)

Editorial

O corpo em todos os seus estados

Nassia Linardou-Blanchet

Graças à elaboração de Jacques-Alain Miller em sua *Biologia lacaniana*¹ nos foi possível apreender todo o alcance do conceito de acontecimento de corpo como outro nome do sintoma. Para abordá-lo, ele destacou essencialmente duas estruturas da relação do corpo com o significante. A *significatização*, segundo a qual o acontecimento de corpo se origina no corpo e se conclui como significante, como é o caso da conversão histérica, e a *corporização*, movimento inverso no qual é o significante que entra no corpo, que se incorpora. Este segundo procedimento, correlativo ao último ensino de Lacan, explica o afeto como efeito de gozo provocado pelo significante sobre o corpo. Jacques-Alain Miller distingue entre corporização codificada, normalizada por um discurso e corporização mais singular, onde o corpo, abandonado pelas normas, torna-se lugar de invenção como a tatuagem ou o *piercing*. Durante a segunda metade do século XX assistimos a tentativas artísticas em que próprios corpos marcados por acontecimentos de corpo na versão da corporização foram elevados ao estatuto de obra de arte. Alguns *body-artists* ou *performers*, talvez também sob a influência da profunda crise do humanismo, muitas vezes mostraram seus corpos em constante devir, brutalizado e desumanizado, em todos os casos pouco velado. Marina Abramovic é dentre eles a figura emblemática. Ela é *a superb maker of marks* em seu próprio corpo. Por ocasião da célebre performance ‘Thomas Lips’, ela marca em seu ventre, com uma navalha, a estrela comunista, causa de seus pais, e deixa-se sangrar até desmaiar.² Tentativa de corporizar uma herança, de mostrar que se goza disso ao leva-lo na própria carne.

A caminho do Rio de Janeiro, as contribuições desta oitava remessa de *Papers* relacionam-se todas, me parece, com o mistério do acontecimento de corpo.

Na sua contribuição, **Jean-Louis Gault** apresenta a articulação entre corpo falante e acontecimento de corpo-sinthoma. Ele torna palpável o remendo necessário de peças diversas de épocas diferentes tomadas de empréstimo a Freud e a Lacan, diante do qual não se deve recuar a fim de avançar na circunscrição da psicanálise no século XXI.³ Ele nos conduz do sujeito que fala ao corpo falante do falasser, tomando o cuidado de se deter muito precisamente no corpo da angústia (Seminário 10). A

¹ Miller J-A, «Biologie lacanienne et événement de corps », *La Cause freudienne*, No 44, p. 47. N.T. Em português: Miller, J.-A. (maio 2004). “Biologia lacaniana e acontecimento de corpo”. *Opção Lacaniana*, (41): 9-24.

² Ver, entre outros, James Westcott, *When Marina Abramovic dies, A biography*, The MIT Press Cambridge, 2010, p. 76.

³ Miller J-A, « O inconsciente e o corpo falante », *Scilicet O corpo falante*, p.29.

passagem do sujeito falante ao corpo falante dá lugar então ao mistério de um outro mandamento que tem a ver com a língua. O acontecimento de corpo do sintoma ratifica a presença corporal impossível de apagar no cerne da metáfora. O trauma freudiano é para Lacan hiância constitutiva e recebe diferentes nomes. O trauma em Lacan não é tanto o acidente contingente, que necessariamente se produz, mas o fato constitutivo da incidência da língua sobre o corpo. J-L Gault lembra que Lacan respondia a estudantes de filosofia dizendo-lhes: «Não é à consciência que o sujeito está condenado, mas a seu corpo». Essa questão é justamente tratada por **Marco Focchi**, que distingue o corpo falado pelo significante do corpo falante acerca do qual Lacan dirá que é um mistério. O corpo falado do sujeito do inconsciente reflete a concepção freudiana do inconsciente feito de representações e como tal dependente da consciência. É o corpo sede da conversão histórica. Lacan sempre promoveu um inconsciente que não é feito de representações, mas de linguagem, e mesmo de língua. Ele acabou por nomeá-lo ‘falasser’, indicando assim um inconsciente conceitualizado a partir da fala e não da consciência. Seu real é um mistério porque não é matematizável por nenhuma lei como as científicas, ele é *mostrado* em seu enlace com as duas outras instâncias, S, I, mas não demonstrado ao modo científico. O gozo do corpo falante não é traduzível e não é calculável. Na leitura de seu texto eu pensei em uma formulação empregada há muito tempo por Jacques-Alain Miller, que qualificava a psicanálise como passageira clandestina no trem da ciência. A psicanálise conduzida por Lacan, no final de seu ensino, ao posto de uma prática, é hoje confrontada com a subversão da clínica. O mistério do corpo falante é também o que interessa a **Alicia Arenas**. ‘O Ser e o Um’ orienta seu texto. Ela sublinha a distinção entre a significantização em que há Outro, linguagem e encarnação do sintoma onde há corpo e língua. Ela lembra que na psicanálise os corpos estão presentes, que é uma experiência que não é sem corpo, não sem em-corpo⁴. **Irene Kuperwajs** examina em seu texto problemas clínicos, a saber: o lugar da interpretação e do ato na era do falasser. A interpretação deve perturbar a defesa contra o real. Ela deve «passar pelas tripas»⁵ para fazer com que se desloque o gozo que não fala para o Outro. Ela deve tocar o corpo de modo a deixar-lhe uma marca, que algo se inscreva aí. A interpretação é leitura da letra singular do gozo inscrito no corpo. No fragmento clínico do tratamento que menciona, ela relata os deslocamentos do gozo de uma mulher depressiva. O tratamento avança da elaboração do gozo do objeto, modo como a transferência toma corpo no tratamento, para uma possível solução em que o analisante poderia se tornar sintoma de outro corpo. **Joanne Conway** coloca a questão do enodamento em um caso feminino de melancolia que se apresentou também sob o nome de depressão. A morte de um parente com a

⁴ N. T. Em francês há homofonia entre en corps (em corpo) e encore (mais, ainda)

⁵ Lacan, J (dezembro 2014) “O fenômeno lacaniano”, *Opção lacaniana*, no 68-69, p.19: «Os pretensos afetos demonstram, na verdade, apenas a afetação daqueles que falam deles. O que constitui a emoção? Vocês acreditam que sejam as tripas que se agitam? O que as agita? Elas agitam palavras. Não há nada que afete mais, como se diz, aquele que qualifiquei de ser falante.» E Miller J-A, « L’inconscient et le corps parlant », *Scilicet Le corps parlant*, p. 34.

consequente perda de uma identificação e sem a proteção que oferece a fantasia, precipitou-a em uma desestabilização. O nó, portanto, se desfez. Um acontecimento de corpo marca então o momento inicial. Ele se articula a uma certeza delirante sobre um corpo dejetivo feito pelo gozo do Outro. Um enodamento delirante da linguagem e do corpo se instala e ainda que precário, dá sentido à dor. Como tratar com um nó delirante, temperar o horror e a morte que aí se ocultam? Eis a questão que Joanne nos transmite. Em outro texto clínico, **Gracia Viscasillas** nos relata o trajeto de uma criança que ela foi levada a acompanhar brevemente em um momento crucial de subjetivação. Essa criança de 4 anos que falava pouco estava muito ocupada a desenhar. Ela nos relata com muita delicadeza a articulação que aconteceu entre o escrito, a fala e a construção do corpo. Ela isola muito particularmente o momento em que a nomeação dos furos do corpo a partir dos pontos sobre o desenho pôde conduzir a um esboço de um imaginário corporal, depois deu lugar a uma consistência imaginária dos corpos e dos objetos. Tendo se tornado desenhista e músico na adolescência, os desenhos desse sujeito destacam sempre a marca dessa escansão: é o detalhe dos furos do nariz cujo nome ele mesmo havia perguntado ao Outro. Vocês descobrirão também com muito interesse o texto de **Luiz Fernando Carrijo da Cunha**, AE da EBP em exercício, que lê uma passagem crucial da introdução de Jacques-Alain Miller ao tema do Congresso. Ele nos dá um esboço de seu passe explicando o que isto poderia querer dizer «fazer-se tolo de um real, isto é, montar um discurso em que os semblantes encurralam um real, um no qual acreditar sem aderir a ele, [...] como a única lucidez que está aberta ao corpo falante para se orientar»⁶. No caso dele, a contingência de um ‘acting out’ permitiu que o casamento com a morte fosse lido na transferência como o limite imposto pelo real. Foi o desejo do analista que soube bordejar o vazio e permitir que o corpo não fosse consumido por seu gozo. Passar da crença no semblante à crença no real exige, contudo, na contingência, uma torsão topológica em que algo do corpo equivoca com o real. O desejo do analista deve estar presente no próprio lugar desse equívoco.

Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado.

O falasser e seu sinthoma

Jean-Louis Gault

O sintoma é uma escrita, no sentido em que é a encarnação de uma fala articulada que toma de empréstimo ao corpo vivo o seu material. É o que Lacan indica quando escreve que «o sintoma está inscrito em um processo de escrita⁷», ou ainda, que «o sintoma inscreve o símbolo em letras de sofrimento na carne do sujeito⁸». No tratamento analítico o analisante não é só um sujeito que fala, ele é o que Lacan

⁶ Miller J-A, L'inconscient et le corps parlant, Scilicet *Le corps parlant*, p. 33.

⁷ Lacan J., Écrits, p. 444-45

⁸ Lacan J., Écrits, p. 306

acabou chamando de um «falasser», um ser feito de um corpo vivo e que parla, e nisto ele é um corpo falante.

O conceito de corpo falante foi até aqui pouco utilizado e comentado em nosso campo. Contudo a noção de corpo falante diz precisamente o que é o estatuto do corpo no ser que fala. É um corpo afetado pela língua. A referência ao corpo é constitutiva da invenção da psicanálise. Freud começou a partir de uma consideração do sintoma histérico. Este repercute o corte do corpo segundo as leis da fala e da língua, para se condensar em uma fórmula retórica significativa. A formação do sintoma explora os recursos oferecidos pelo emprego metafórico dos nomes das partes do corpo de que cada língua é rica. Mas o corpo não é só matéria simbolizada da qual o sintoma se constitui, ele é também imagem, que dá suporte ao eu, e é também, como corpo vivo, substância gozante. A noção de corpo falante é o nó desses três registros do simbólico, do imaginário e do real. O corpo falante é o efeito da intrusão da linguagem, ou melhor dito, de *lalíngua*, no corpo vivo. A ruptura que *lalíngua* impõe ao ser vivo o recorta então segundo as três dimensões do simbólico, do imaginário e do real.

A dúvida hiperbólica de Descartes isola um elemento de certeza. O *je* que duvida é o resíduo que é economizado na operação metódica de questionamento de todos os saberes. Do filósofo retivemos a distinção das duas substâncias, pensante e extensa, e a separação entre alma e corpo que se deduz disso. Sabe-se menos, destaca Jacques-Alain Miller, que a posteriori, Descartes afirma que a união do «eu penso» com o corpo, que se distingue por ser o corpo desse «eu penso», ela mesma escapando à dúvida. A união da alma e do corpo é um saber certo. Essa união concerne ao «meu corpo», *meum corpus*, e vale como terceira substância entre a substância pensada e substância extensa. Descartes afirma o seguinte: «Não estou exatamente alojado e meu corpo, assim como um piloto em sua nave, mas, além disso eu estou tão estreitamente conjugado a ele e tão confundido e misturado que componho uma espécie de unidade com ele».

O piloto em sua nave, pode deixá-la, descer à terra e deixá-la na doca. O ser falante não pode extrair-se de seu corpo. Em resposta a estudantes de filosofia, que lhe perguntavam: «Será que é possível fazer alguém sair de sua consciência?», Lacan respondeu: «Não é à consciência que o sujeito está condenado, mas a seu corpo⁹».

Esse fato indubitável da união da fala e do corpo, é o que demonstra o sintoma encontrado na experiência analítica, seja o sintoma da conversão histérica, ou o da obsessão compulsiva ou ainda os sintomas encontrados nas psicoses.

Seu estudo do caso de Joyce conduz Lacan a um profundo remanejamento conceitual que marca a última parte de seu ensino. Ele promove assim o neologismo do falasser, no lugar do termo freudiano de inconsciente. O conceito de *sinthoma* é da mesma época, ele designa no sintoma o resto impossível de tratar. O sintoma é uma metáfora, isto é, um efeito de sentido. O *sinthoma* do *falasser* é um acontecimento de corpo, uma emergência de gozo.

Essa concepção do *sinthoma* como acontecimento de corpo não anula a estrutura do sintome como metáfora. A metáfora do sintoma é o invólucro formal do

⁹ Lacan J., *Autres Écrits*, p.206.

acontecimento de corpo. A diferença entre as duas conceitualizações é esta: quando se pensa sobre o sintoma como metáfora, isto é, como operação linguageira, pode-se ter a ideia de reconduzir o sintoma a zero, sem resto. O acontecimento de corpo do sintoma introduz o resto sintomático irreduzível, que é ativo no cerne da metáfora, e que designa a presença corporal impossível de apagar. Esse impossível indexa a dimensão real do sintoma.

Freud se orientou na experiência de tratamento, considerando que se houvesse pelo menos algo de real na psicanálise, era o sintoma. Na abordagem de seus pacientes ele constantemente apostou no caráter real do sintoma. Ele pensava que não se podia inventar uma paralisia histérica, uma fobia ou uma obsessão, e ainda menos uma alucinação. Sua primeira clínica das psiconeuroses de defesa¹⁰, que englobava a paranoia ao lado da histeria e da obsessão, se organizava a partir de uma experiência primária de gozo, prazeroso ou desprazeroso, mas em todos os casos traumático, e que o sujeito buscava esquecer. Freud admitia que esse caráter fundamentalmente incômodo do gozo podia ser inerente à natureza da sexualidade no ser falante. De tal modo que essa discordância aparece como impossível de reduzir para alcançar um suposto acordo. É isto que inscreve essa experiência de gozo no registro do real. Lacan cunhou essa hiância constitutiva de maneira diversa. Ele a declinou como «relação atravessada que separa o sujeito do sexo¹¹», «como fiasco do gozo»¹² ou como «gozo que não deveria»¹³, ou ainda como não relação e em particular como «não relação sexual»¹⁴. O sintoma repercute o acontecimento de corpo que constitui essa lasca na carne.

No momento em que estabelecia sua concepção do sintoma como metáfora, Lacan não desconhecia de modo algum o elemento corporal de que é feito o sintoma. O sintoma, diz ele em seu escrito sobre Gide, é feito certamente como uma metáfora, o que, contudo, não o reduz a «um *flactus vocis*, o sujeito aqui, com os elementos de sua pessoa, assumindo os encargos da operação significante»¹⁵. Isto quer dizer que o sintoma, se resulta de um processo significante, não se resume à simples lufada de ar da fala. O sintoma reclama um material sobre o qual procede a substituição metafórica.

Essa matéria é aqui concebida por Lacan como corpo imaginário: os elementos da pessoa do sujeito. O sujeito da fala, completada por esse corpo imaginário, paga o quinhão devido por sua entrada no significante. O corpo é dito imaginário, porque nessa época de sua conceitualização Lacan o inscreve nesse registro, como distinto do simbólico. Esse imaginário não é, contudo, irreal, pelo contrário, ele tem um peso real, que se exerce sobre o organismo, e que Lacan reconheceu na função formadora da imagem, no estádio do espelho, por exemplo. Há aí o recurso a um conceito que associaria o sujeito a seu corpo. É essa conjunção que a noção de *falasser* realiza.

Um pouco mais tarde, em 1963, quando Lacan trata da angústia no seminário que dedica a esse tema durante um ano inteiro, o corpo está em primeiro plano. Ele evoca

¹⁰ Freud S., Manuscrit K, Lettres à Wilhelm Fliess, pp. 209-219, P.U.F., Paris, 2006

¹¹ Lacan J., Écrits, p. 799

¹² Lacan J., Le séminaire, livre XX, Encore, p. 109

¹³ Lacan J., Le séminaire, livre XX, Encore, p. 55

¹⁴ Lacan J., Le séminaire, livre XX, Encore

¹⁵ Lacan J., Écrits, p.747

essa parte de nossa carne tomada na máquina significante irrecuperável. Ele qualifica de «libra de carne» esse retalho do corpo que é sacrificado na dialética significante¹⁶. Por causa desse envolvimento na dialética significante, há sempre no corpo «algo de separado, algo de sacrificado, (...), que é a libra de carne¹⁷».

A noção de falasser não se cola à de sujeito, ela a complete ao atribuir-lhe um corpo. O falasser é o sujeito mais o corpo. Lacan tinha concebido o sujeito primeiramente como sujeito da fala, depois como sujeito da linguagem, ao mesmo tempo falado e falante. O falasser condensa essas noções e associa a elas o corpo. Disso decorre o conceito de corpo falante que Lacan associa ao falasser. Além disso, observa-se que os diferentes modos do corpo, corpo como imagem, corpo significantizado e corpo substância gozante, são tantas versões do corpo vivo, o que situa desde então os registros do imaginário, do simbólico e do real em pé de igualdade.

Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado.

Os corpos inertes e os corpos falantes

Marco Focchi

No *Seminário 20*, Lacan conclui sua lição de 15 de maio de 1973 dizendo que o real é “o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”¹⁸. Corpo falante e inconsciente, nesse contexto, se identificam, são o mesmo mistério. É singular o fato de que aqui Lacan utilize o termo mistério. De fato, trata-se de uma lição na qual ele reivindica, como frequentemente fez nos últimos anos, a matemática como via de acesso ao real. Sabemos que esta, a partir de Galileu, é a via luminosa da ciência: colher o real pela matemática. Porém, de que real fala, no entanto, o discurso da ciência? Galileu parte da natureza e, dela, estuda o movimento. A pedra lançada no ar volta à terra desenhando no céu uma precisa parábola. Os planetas com suas órbitas traçam cuidadosas elipses. Os movimentos da natureza, tirados da autoridade de Aristóteles e estudados através da observação e da experimentação, revelam as formas perfeitas de uma geometria subjacente à variedade móvel dos fenômenos.

No início da lição de *Mais, ainda*, citada acima, Lacan fala das formas. Menciona-as a propósito de Platão que – afirma – insere as formas no ser. Lacan usa, pois, esta metáfora particular: a forma é real, e se enche do ser como uma taça cheia até a borda: a forma é o saber do ser. O platonismo, sob esse aspecto, resulta ser o fundo do discurso científico: assim como Platão colhe o ser nas formas, que são eternas, também o discurso científico apreende a natureza, que está em movimento, através das formas da matemática. Todavia, atenção: a natureza está em movimento, mas a premissa para estudar tal movimento é um princípio que constitui a pedra fundamental

¹⁶ Lacan J., *Le séminaire, livre X, L'angoisse*, p.254

¹⁷ Lacan J., *Le séminaire, livre X, L'angoisse*, p. 254

¹⁸ J. Lacan, *O seminário, livro 20, Mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

de toda a empresa galileana: o princípio da inércia. Isto quer dizer: o movimento não se move. Se um objeto está parado em relação ao ponto de observação, ele permanecerá assim até que um fator externo intervenha para mudar seu estado de quietude. Se um objeto está em movimento, não se deterá sem uma interferência externa que o bloqueie. Por trás do estudo do movimento, existe a inércia, premissa indispensável de toda matematização da ciência. Esse pressuposto encontra sua apoteose com Einstein, para quem o universo é fundamentalmente sem tempo, e todos os estados do mundo são como fotogramas sobre uma película.

Podemos dizer a mesma coisa para o real da psicanálise? Numa passagem da lição do *Mais, ainda*, Lacan sustenta que há relações de ser que não se pode saber. Alguma coisa sai pela borda da taça. Por quê? Evidentemente, porque não todo o ser está parado, e há, talvez, alguma coisa do movimento da natureza que se move. O real escapa às leis da natureza, assim como à imobilidade eterna das formas do ser.

A ideia de um real que volte sempre ao mesmo lugar fala, no fundo, ainda de um real obediente, que respeita a lei e se encontra ali onde seu retorno é esperado. Contudo, o real sem lei do último ensino de Lacan não é assim, ele escapa por toda parte, não segue leis eternas e não é fixado pelas equações.

O inconsciente real de que falou J-A Miller¹⁹ é, do mesmo modo, o inconsciente que não está nas equações. O inconsciente simbólico responde às leis da metáfora e da metonímia e é, com efeito, completamente fundado sobre equações: é o inconsciente que interpreta, realizando substituições entre símbolos equivalentes, para produzir sentido. No entanto, o inconsciente real é aquele que obtemos quando, no sintoma, destacamos o real do sentido.

Matemática e mistério normalmente não parecem andar de braços dados. O uso da matemática por parte de Lacan, todavia, não se refere ao uso que a física faz dela, que se serve dela para desembaraçar os mistérios da natureza e, sobretudo, para operar sobre ela através da potência do cálculo.

O uso que Lacan faz da matemática torna-se incompreensível para dois de seus críticos, Alan Sokal e Jean Bricmont²⁰, que expressaram amplamente seus pontos de vista no livro-chiste “*Imposture intellettuali*” (“*Imposturas intelectuais*”). Qual é a crítica deles? Substancialmente que as elucubrações matemáticas de Lacan não têm nenhuma base empírica e que, por isso, são pura conversa fiada vazia. Para dizer isto, naturalmente, eles se baseiam no valor do real na física, que consiste em estudar um sistema de equações, esperando que um experimento faça aparecer alguma coisa correspondente aos símbolos, como aconteceu com o bóson de Higgs. Trata-se de objetos falados pelos símbolos, objetos que não são o referente: os símbolos os representam.

O corpo vivo, todavia, diferentemente dos corpos da física galileana, não é plasmável ao cálculo e tampouco objetivável. Isto faz, sim, com que o real do corpo, o real pulsional, possa colocar-se em cifras, sem com isto entrar numa economia contábil.

¹⁹ J-A Miller, “Il reale nel XXI secolo. Presentazione del tema del IX Congresso dell’AMP, in *La psicoanalisi*, n° 52, 2012.

²⁰ A. Sokal e J. Bricmont, *Imposture intellettuali*, Garzanti, Milano 1999.

Tomemos como exemplo os fenômenos de corpo na psicose, aqueles que a partir da Conversação de Antibes chamamos de neo-conversões. O prefixo “neo” serve para distingui-las da clássica conversão histérica, em que uma representação recalçada é substituída por uma encenação corpórea, um teatro que passa através do corpo imaginário. Neste caso, temos um corpo falado. O sujeito do inconsciente, privado da normal via expressiva, encontra um modo de exprimir-se usando o corpo. É um corpo falado pelo sujeito do inconsciente, e reflete a concepção freudiana de inconsciente como negação da consciência.

Lacan refutava essa ideia de inconsciente. Mesmo que tenha sempre se referido à estrutura freudiana do inconsciente, Lacan no entanto se distanciou da matéria de que é feito o inconsciente freudiano: as representações.

Um inconsciente feito de representações é inevitavelmente dependente da consciência porque da escolástica a Kant, e de Kant a Brentano (de quem Freud toma o termo representação), até a fenomenologia moderna, a representação é a similitude do objeto na consciência.

Freud não pode distanciar-se da dependência do inconsciente em relação à consciência, justamente porque o seu inconsciente é feito das representações.

Jamais agradou a Lacan o termo inconsciente, devido ao seu valor negativo, pois ele não concebia que o inconsciente freudiano pudesse ser simplesmente a negação da consciência.

Chega-se assim ao corpo falante e à sua diferença com relação aos objetos falados, ratificados pelo discurso científico. O inconsciente não é feito de representações, mas de linguagem, de *linguisteria*, de *lalíngua*, e essa linguagem não tem necessidade de passar pela consciência para ir escrever-se no corpo.

O inconsciente representacionista de Freud depende da consciência. O inconsciente dos significantes de Lacan se conecta ao corpo. Para passar do corpo falado da histérica freudiana ao corpo falante das neo-conversões, é necessário sair do universo representacionista freudiano, herança do platonismo através da escolástica.

O real do corpo falante abre aqui uma nova clínica. Não se presta, de fato, aos jogos de substituição do corpo falado, sujeito às leis da condensação e do deslocamento, ou àquelas da metáfora e da metonímia. A pulsão sinaliza os traçados no corpo, marca as zonas erógenas, o gozo se canaliza nos sulcos que a escrita abre à libido, como mostra muito claramente, por exemplo, a função erótica da tatuagem.

Abre-se aqui a diferença entre o corpo falado e o corpo falante. É a clínica da psicose, com os fenômenos elementares, com as neo-conversões, com o deixar cair a imagem do corpo, como em Joyce, ao mostrar como é o corpo e não a consciência a ser investido pela linguagem, e ainda, como alguns distúrbios corporais localizados podem, na psicose ordinária, funcionar como estabilização e circunscrever a invasão de gozo no corpo que se verifica na esquizofrenia.

Por que Lacan fala então de mistério? Por que põe em jogo este termo que temos dificuldade de atribuir à grande clareza clínica de Lacan? Eu diria: porque à transparência representável do corpo falado, que tem sempre um para além ao qual invocar, jogando aí habilmente a metonímia subtrativa do desejo, o corpo falante se

apoia no palimpsesto opaco da turbulência pulsional, do gozo canalizável, mas não traduzível, cifrável mas não contabilizável.

Temos então a clínica dos nós, da qual frequentemente escutei lamentar que é difícil dar exemplos. E certamente o é, porque não depende das leis gerais, mostra – a *mostração* lacaniana, que não é a demonstração da ciência – sem remeter, sem indicar um referente diverso dos objetos que maneja, sem representar. Talvez devêssemos experimentar começar a nos confrontar com a clínica dos nós, com as suas dificuldades, mas também com suas grandes possibilidades, porque a psicanálise que está por vir passa por vias que estamos apenas começando a trilhar, e que, necessariamente, não estão à mão.

Tradução: Ana Paula Sartori Lorenzi

O mistério do corpo falante

Alicia Arenas

*“O real do inconsciente é o corpo falante”*²¹: Esta frase de Miller nos leva a discorrer sobre o mistério que ela implica, na medida em que nos façamos algumas perguntas, por exemplo: qual é a especificidade desse real? É preciso situá-lo antes, depois, ou junto ao significante? Por que esse real se situa como um aspecto do inconsciente? Por que no corpo? O que é o corpo falante? Como situar nisso sintoma e *sinthoma*?

Lacan se refere ao inconsciente de formas diferentes no decorrer de sua obra. Por exemplo, uma das formas, em que alude à presença dos significantes do Outro na vida do sujeito, é dizer *“O inconsciente é o Outro”* ao referir-se a um inconsciente associado a um sintoma que fala, interpreta e aponta a decifrar o sentido oculto do próprio sintoma por meio da série de significações que o discurso do analisante desdobra. E que, no discurso analítico, se situam como saber no lugar da verdade.

Nessa dinâmica surgem falhas, dificuldades, quando o discurso esbarra em pontos de inércia, quando o sintoma silencia ou mostra seu gozo repetitivo, que impede o surgimento da significação fálica, assinalando a presença de outro campo, que permanece oculto. Desde o início, o método psicanalítico dedica sua investigação à descoberta do campo das resistências, da defesa. Contudo, em seus últimos desenvolvimentos, Lacan consegue desvelar que o ignorado não é somente o recaiado, mas que há no real do gozo algo que está para além do recalque, presente no corpo mesmo.

²¹ Miller, Jacques-Alain, “O inconsciente e o corpo falante”. In: Scilicet. O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

Por isso, estabelecer o campo do “corpo falante” implica não somente entrar no aspecto oculto do sintoma, mas também assinalar que existe outra dimensão daquilo que fala, uma outra forma de usar o significante, que nos distancia do fulgor da verdade para fazer-nos encontrar com a escuridão daquilo que está fora do pensamento.

Nossa percepção do corpo se organiza desde cedo em uma relação de grampo entre o Imaginário e o Simbólico, campo do pensamento, ficando de fora aquilo que não é possível prender com esses instrumentos. Em “O ser e o Um”²² Miller desenvolve a noção lacaniana de inconsciente real. E, se bem que situa o Real como um registro que esteve ali antes do significante, também nos faz entender que não seria possível abordar o aspecto Real do inconsciente sem o significante, por tratar-se de um Real feito de gozo. O gozo não é anterior ao significante, mas um efeito da presença da linguagem. Contudo, não se trata do significante no Simbólico, nem no Imaginário, mas de um significante que estremece o Real *en-corps* porque faz furo. Fazer do corpo furo, quer dizer implicá-lo em um campo diferencial dentro do Real, que daí por diante será Um Real de gozo, campo do Um.

Esse efeito de linguagem surge em um momento original quando o significante morde pela primeira vez o Real, fundando assim o *falasser*. Contudo, não se trata de um significante recalcado, que retornaria pelos desfiladeiros do simbólico para ressurgir nos novos sentidos do sintoma, mas de um significante-marca no corpo. Lacan refere isto como “no corpo, o eco do fato de que há um dizer”²³.

A partir dessa perspectiva, a dimensão do ser situa-se no campo dos fantasmas, das percepções, da realidade psíquica marcada pelos significantes do Outro, e esta será a dimensão da palavra. Um ser feito de semblantes, com os quais se arranja para fazer laço com o Outro e organizar seu mundo ao redor desse furo fundante, campo do Um, que inaugura um abismo insuperável entre o Um e o Outro, que Lacan assinala com sua fórmula “A relação sexual não existe”. Um campo de pura diferença que Lacan chama de Uniano²⁴, no qual, em vez da palavra, situa a escrita (lógica).

No Seminário 19²⁵, Lacan diz: “A psicanálise é o quê? É a demarcação do que se compreende de obscurecido, do que se obscurece como compreensão, em virtude de um significante que marcou um ponto do corpo.”

Lacan toma Joyce para explicar esse campo do Um dizendo que Joyce *encarna* seu sintoma, *o que é diferente de significantizá-lo*²⁶. Na significantização está o Outro, está a linguagem, na *encarnação* estão o corpo e *lalíngua*, um campo que não dispõe de referências que o tornem legível. A esse sintoma Lacan denomina “*sinthoma*”,

²² Miller, J.-A. Seminário de Orientação Lacaniana. “O ser e o Um”. Inédito. 2011.

²³ Lacan, J. O Seminário, livro 23: O Sinthoma. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2007, pg. 18.

²⁴ Lacan, J. O Seminário, livro 19: ...ou pior. Capítulo X. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro.

²⁵ Ibid. Pg. 145.

²⁶ Miller, J.A. Piezas Sueltas. Pg. 46. Paidós. Buenos Aires. 2013.

marcando que a genialidade de Joyce é com isso chegar a tocar o Outro. O descobrimento e teorização, por parte de Lacan, do *sinthoma* de Joyce, permite adentrar àquilo que será seu último ensino, com consequências fundamentais para a clínica psicanalítica.

Lacan fala do corpo como “*suporte*”²⁷, suporte do discurso, suporte do ser. Na experiência analítica, primeiro estão os corpos, nos diz, começa-se precisamente por deixá-los de lado, o que sublinha o fato de que continuam estando ali. A experiência analítica não é sem o corpo, mais bem, *en-corps*.

No século XXI o simbólico não é mais o que era, o que implica que a psicanálise encontre as vias para um inconsciente que desliza nas entrelinhas de um discurso que fala ao Outro e um corpo que “se goza”, sem o Outro. É nesse ponto que Lacan nos oferece a noção de *escabelo* (*escabeau*, S.K.Belo), como um giro possível do *sinthoma* em direção a um tipo de satisfação que se eleva do corpo – desse que se acredita ter – para alcançar alguma forma de laço com o Outro, um tipo de gozo da imagem e da palavra, que permite sustentar-se no mundo, fazer-se um mundo fora da repetição sintomática.

No site do próximo Congresso da AMP 2016 vocês encontrarão uma seção chamada “Peças Soltas”, na qual se apresentam diferentes exemplos desse “fazer-se um mundo”. Um deles, muito belo, é um comentário de Paula Cristina Verlangieri sobre a tela “*La columna rota*” de Frida Kahlo, que inclui uma citação da pintora ao responder uma pergunta sobre sua arte. Diz assim: “*Pensavam que eu era surrealista. Mas não sou. Eu nunca pintei sonhos. Eu pintei minha própria realidade*”.

Tradução: Paola Salinas

Apontar para as tripas

Irene Kuperwajs

Como o analista com seu dizer pode tocar o corpo, operar sobre o real do gozo? Miller retoma o esforço de Lacan em pensar ao longo do seu ensino em que consiste a interpretação e o ato do analista. Sua transmissão nos últimos anos tem demonstrado a

²⁷ Ibid. Pg. 223.

problematização quando o simbólico perde o protagonismo e a *lalíngua* não comunica, é um aparato de gozo.

I-Miller afirma em sua Conferência²⁸ que em nossa prática, a do século XXI, trata-se de apontar para as tripas, para o corpo falante, através da interpretação. As tripas estão ligadas ao corpo. No dicionário aludem ao intestino de um homem ou animal, ao ventre, às vísceras. Existem expressões da linguagem que as mesclam com as emoções: “nó nas tripas²⁹”, por exemplo, expressa asco. A tripa não é a imagem, ela atravessa a ideia de harmonia e unidade corporal que propõe o corpo especular da boa forma. Tampouco a tripa alude ao corpo mortificado pelo significante e esvaziado de gozo. Nem ao objeto *a* em sua dimensão de semblante que se refere a substâncias episódicas recortadas das zonas erógenas de um corpo fragmentado, feito de pedaços de real.

Então, que corpo as tripas evocam? Sinalizam o corpo como substância gozante, em sua dimensão de real. Corpo que goza afetado pelas palavras. Na atualidade encontramos corpos mediatizados pela imagem, aparentemente nada os toca, são corpos nos quais o real parece ficar foracluído. E, neste panorama, a psicanálise propõe apontar para as tripas. Não é um fato menor. Em sua adulação a uma *mulher de talento*, Lacan chama M. Klein de *a tripeira*³⁰, ao referir-se à selvageria com que ela trata o inconsciente, perto do real do corpo, para além dos objetos fantasmáticos imaginários. Não creio que se trate para nós de converter-nos em selvagens estripadores, mas é um antecedente.

II- O que é fazer a experiência do inconsciente no âmbito do *falasser*? Em princípio, fazer passar o *falasser* por uma análise e pôr em marcha o inconsciente transferencial. Logo, do lado do analista, a operação se separa da interpretação freudiana, que pretendia obter o retorno do reprimido. Também se diferencia da interpretação que apontava o desejo inconsciente pelo lado do sentido, a elucubração de saber e o efeito de verdade. Ou da potência da palavra do analista e de seu silêncio. Se entre o real e o sentido há um hiato, a perspectiva então já não será o sentido gozado do fantasma, mas a oposição entre gozo e sentido. Diante disso, a interpretação desfalece. Desloca-se o acento da prática analítica, do desejo ao gozo autista do corpo, gozo que existe e não mente.³¹

Lacan introduz sua referência à perturbação da defesa no *L' Insu ...*, sendo esta a maior orientação da prática ligada à clínica do *falasser*, já que a defesa não é em relação ao significante, mas diante do real. Ele desloca o lugar dado ao recalque para substituí-lo pela defesa, que não se presta à interpretação. Trata-se de perturbar esse

²⁸Miller, Jacques-Alain, “O inconsciente e o corpo falante”. In: Silicet. O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 32.

²⁹ N.T.: em português teríamos também o equivalente “isto me embrulha o estômago”.

³⁰Lacan J., “A psicanálise e seu ensino”. *Escritos*, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998, p.325.

³¹Miller, J-A., *O ser e o Um*, aula de 12 de maio de 2012, inédito.

gozo que não fala ao Outro nem ao saber. Já em *Variantes do tratamento-padrão*³² Lacan disse que W. Reich cometeu somente um erro: esqueceu a verdade. Assim, mostrou até onde o ataque ao caráter considerado como defesa, minimizando as produções do inconsciente, pode levar. Portanto não se trata de eliminar a verdade, e fazer-se de desentendido das ficções do semblante. A disjunção entre o gozo e o sentido emoldura uma prática do tratamento orientada pela antinomia entre real e semblante, e pelo ininterpretável do sintoma. Miller alude à interpretação como perturbação, “desarranjo de gozo”; trata-se de mobilizar o corpo, e isto exige que o analista ponha o corpo e coloque “o tom, a voz, o gesto, o olhar”³³. Para que o dizer ressoe, quando se trata do corpo falante, há que fazer ressoar a pulsão, e para tanto é preciso que o corpo seja sensível a isso. “As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”³⁴

Articulam-se assim inconsciente e real. Não se trata de substituir um sentido por outro sentido, mas de “substituir o sentido por uma significação vazia que é o equivalente ao efeito de furo”³⁵. De um lado a disjunção entre real e sentido, mas também o forçamento necessário que implica certa relação entre ambos.

III- M. sente-se feia, olha-se constantemente no espelho. O pai fica bravo com ela por “torturá-lo” com sua tristeza, mas ele a torturou com seu olhar e suas palavras. As sessões começavam “hoje me senti mal, muito feia, não me suportar”. Se algum moço se aproxima, ela se retira e começa a pensar em quão feia é. Sua imagem corporal ocupa todos os seus pensamentos. Produz-se assim uma espécie de repetição do estádio do espelho no qual o Outro que separa da boa maneira, não funciona. Algumas interpretações: “uff, olhar-se o dia todo no espelho!”, “sozinha com teus pensamentos!”, produzem um deslocamento do “sou feia” ao “penso que sou feia”. Ao assinalar sua posição de gozo nesse olhar-se, dá-se conta de que “há para cada um algo que se ama ainda mais do que sua imagem”³⁶. Poder recortar o pensar-se foi crucial. “Penso, logo Se goza” nos orienta a respeito do corpo em sua dimensão real, mais longe do ser, mais perto da existência. Uma lembrança de infância ensina à analista sobre sua posição: ela vivia com o cabelo “preso” porque não gostava dele. Viveu presa a seu *-fi*, que ela não solta, da mesma forma que ao “sou feia”, o qual faz existir a relação entre os pais. Houve a *tiquê* com a palavra do pai, um mal encontro com o “você era feia” que a traumatiza e dá consistência imaginária a esses pensamentos. Fica presa a um gozo efeito de um traumatismo contingente, que implica uma satisfação fora do sentido.

³²Lacan, J., “Variantes do tratamento-padrão”. *Escritos*, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998, p.449.

³³Miller, J-A, *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Ed. Paidós, Bs As, 2003, p.136

³⁴Lacan, J. O Seminário, livro 23: O Sinthoma. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2007, pg. 18.

³⁵-Miller J-A., *El Últimísimo Lacan*. Ed. Paidós, Bs As, 2005, p.180

³⁶Lacan, J., “A Terceira”. *Opção Lacaniana*, 62. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Eolia, São Paulo, dez. 2011, pg. 23.

Localizados no ponto de sua amarração, os pensamentos começam a ceder. Sonha que estava em seu quarto e a voz do moço de quem gosta lhe dizia que queria estar com ela. Olha-se no espelho e começa a deformar-se. Seus defeitos se expandem por todo o corpo. A feminilidade é o defeito que contamina o corpo, custa-lhe consentir coma a saída em direção a outro corpo. Esse prenúncio da imagem, do estético, conduz a um rechaço do corpo e implica um rechaço do feminino. Era preciso desfazer-se dessa forma ideal que aspira a dominar o real, perturbar sua defesa. Ao nomear o par prender-soltar, o sintoma como acontecimento de corpo se precisa como “atadura”. Atualmente M. sente um vazio, já que não pensa tanto que é feia. Beija o moço de quem gosta em uma festa. A posição feminina se relaciona à possibilidade de suportar o vazio. Nela, a marca da castração a aproxima de um vazio depressivo que aparece quando começa a soltar-se. Este vazio já se antecipava na infância. Algo se atravessa na passagem pelo inconsciente e transforma a analista em uma voz que a tranquiliza por sua presença, ao mesmo tempo em que essa presença faz ressoar a pulsão. O acento posto sobre a voz e o olhar, a possibilidade de nomear esses fragmentos do corpo, tem sido o modo como o objeto advém com o elaborável do gozo na análise, e é a forma como “a transferência toma corpo”³⁷. Suas investigações sobre a feminilidade fluem um pouco mais, embora ainda tenha um percurso a fazer na análise para poder aceder a ser o sintoma de outro corpo.

IV-Freud, preocupado com os finais de análise, aponta para o analista e seu ato, tomando a metáfora "trabalhar com pedra ou argila"³⁸. Com os analisantes que parecem de argila, os resultados são lábeis, sem marcas, como se houvesse “escrito na água”. Esta expressão de Freud evoca que o ato do analista deve tocar o corpo para deixar alguma marca, para que algo se escreva. Leitura e escrita atravessam uma análise. Interpretar é ler de outro modo, articulado ao S(\mathbb{A})³⁹, a letra singular de gozo. Leitura contingente, que necessita do apoio da escrita. Passar da escuta do sentido à leitura do fora de sentido, se distancia da verdade e nos leva à fixidez do gozo, à opacidade do real.

Uma psicanálise poderá conduzir-nos à leitura se a interpretação enlaça o corpo e *lalíngua*. O analista *en-corps*, empresta corpo a essas interpretações, fazendo-se seu *parceiro*.

³⁷Gorostiza L., “Pienso, luego se Goza. El corpo y los gozos en los confines de lo simbólico” en *Corpos escritos, corpos hablados, Revista ELP 21*, abril 2012

³⁸Freud S., “Análise terminável e interminável”. Obras Completas, vol. XXIII. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1980, pg. 157.

³⁹Miller J.A., “Ler um sintoma”.

Disponível

em:

http://www.ebpsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=579:ler-um-sintoma-jacques-alain-miller&catid=23:textos&Itemid=54>. Postado em 01 de Agosto de 2011

E em <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>

Como amarrar

Joanne Conway

Como assinala Jacques Allain Miller, a clínica de hoje está interessada no falasser. O último ensino de Lacan compreende uma re-nomeação do inconsciente freudiano e uma reconfiguração dos próprios conceitos de Lacan acerca das ligações ou amarrações entre corpo e linguagem.

Existe a clínica do sentido e os efeitos do sentido - em termos da operação do Desejo e do Outro - e a do gozo em jogo na própria linguagem e a do gozo isolado, o do corpo. As duas correspondem ao fato de que os corpos podem criar amarrações imaginárias e simbólicas.

Como sabemos, a linguagem invade e se impõe sobre o sujeito, mas esses efeitos são radicalmente diferentes em termos da clínica da neurose comparada com a da psicose. O gozo do sujeito, contudo, não é facilmente fixado - especialmente na clínica da psicose ordinária, nos casos em que não existem fenômenos tangíveis ou marcadores claramente definidos. É um desafio localizar esses sinais na clínica.

Em um artigo recente do seminário de Neus Carbonell em Dublin, ela enfatizou, em termos de amarração entre corpo e linguagem, como alguns nós são melhores do que outros - o que é para mim uma questão - como desfazer um nó, um nó delirante que ancora um sujeito psicótico, quando essa amarração é prejudicial? Como alguém pode desfazer e refazer os nós?

Lacan, no Seminário 6, *O desejo e sua Interpretação*, interroga a função e a estrutura do desejo por meio de vários dispositivos, incluindo sonhos específicos. No sonho do pai morto⁴⁰, por exemplo, um sonho do livro dos sonhos, ele leva a interpretação edipiana de Freud ao seu limite. Para Freud, a restauração da cláusula elidida, "Em consequência de seu desejo" foi suficiente para interpretar o desejo no cerne do sonho desse sonhador - um sonhador nas profundezas do luto. Para Lacan, havia mais. Ele tomou esse cerne e segurou-o até o prisma da fantasia, a fim de refratar seus elementos. O que extraiu foi (entre outras coisas) o "Ele não sabia", a ignorância abençoada do sonhador, que o protegia. Um sonhador no precipício, em uma corda bamba suspensa sobre o abismo da dor da existência reduzida a si mesma, uma dor que esse sonhador, no entanto, experimentou, mas foi distanciada. Distanciada do - seria melhor não ter nascido.⁴¹

Lacan mostrou através deste sonho que a função profilática do desejo e da fantasia permitiu uma uma distância do objeto e uma relação com ele. O desejo ofereceu o que ele chamou de uma margem de manobra para o sujeito. Em referência ao seu último ensino, poderia se dizer que o sujeito aqui tem um corpo atado à linguagem, ou

⁴⁰ Lacan, J. *Le Séminaire, Livre VI*, « Le désir et son interprétation », Paris, La Martinière, 2013, pp. 101-119,

⁴¹ *Ibid.*

melhor, uma imagem do corpo e uma imagem incorporada, uma amarração que inclui o registro simbólico.

Quando o desejo não está em jogo, onde não há uma proteção de tal ignorância abençoada da castração, que tipo de amarração pode ser feita?

Ela veio com o nome de Depressão, um parceiro difícil, pois não combinava com sua imagem. Houve a morte de um dos pais algum tempo antes, uma relação que a atou a uma identificação e significado particular no mundo. Relações familiares se estilhaçaram nos meses anteriores à morte de seu pai. Mais recentemente, relações de trabalho foram perturbadas, sua "identidade" profissional estava sendo minada por um colega, amigo de uma só vez. A vida estava suspensa, não havia alegria nela, nenhuma vida na vida. Nenhum corpo para falar de... Sonhos de morte surgiram, mas neste caso, seu corpo era o único sem vida, um corpo de decadência e detritos e mais tarde invadido pelo gozo do outro. Não é o sonho do pai morto, em que a ignorância abençoada foi sustentada, mas uma atração inevitável em direção a certo conhecimento. O que começou como *Por que eu sou?* transformado em *Eu sou...* durante uma sessão.

Falando sobre um evento no passado, uma parada súbita, uma experiência de pressão nos membros, uma irrupção súbita de memória, uma palavra-chave, um nome falado, provocou uma saída da sala para vomitar. Quando voltou, ela teve a resposta *eu sou...* Uma identificação mortal com um corpo feito para o gozo do outro, uma coisa abusada e miserável que, inevitavelmente, foi marcado por *seria melhor não ter nascido*.

Todas as tentativas de sufocar e difundir a corrida para o conhecimento, a busca da certeza, foram em vão, levando-a até este momento. A impotência e o poder da linguagem, as duas coisas ao mesmo tempo. Falar, para ela, trouxe alívio, mas foi também o veículo em direção a uma corrida para a "verdade" onde todas as intervenções não conseguiram estancar. O que ocorreu nessa sessão foi uma amarração, uma amarração delirante da linguagem e do corpo, que se tornou um corpo feito para o abuso, para o tormento e o sofrimento. A dor da existência reduzida a si mesma. Houve uma reconfiguração de eventos passados com base nesta nova amarração.

Havia sinais, obviamente, sinais sutis. Desde o início, a hipótese de melancolia era primordial e o tratamento foi dirigido sobre essas linhas. Houve um desmoronamento na puberdade, onde o corpo tornou-se algo que já não funcionava como antes, ele foi perturbado, mas isso foi superado. Sua compreensão sobre o laço social se soltou nesse momento também. No entanto, uma amarração havia ocorrido em torno da academia e sua profissão, que lhe permitiu funcionar, para amarrá-la no laço social, no casamento e na maternidade, por mais de 50 anos.

Essa amarração foi desvelada antes dela aparecer com seu diagnóstico de depressão.

Uma hospitalização seguiu-se depois de algum tempo daquela sessão. Autorizar era uma parte sensível do trabalho, mas ela consentiu. Manteve contato comigo de forma intermitente e após sua alta, voltou a falar. Ela achou os programas psiquiátricos insuportáveis – estava lá para "compreender" sua depressão e criar sua "caixa de ferramentas" de técnicas para gerenciá-la. Sua "história" não contava – as duas coisas

eram distintas. Para ela, sua "história" ou delírio foi tudo. Esse programa serviu apenas para aliená-la e isolá-la dos outros – o termo "depressão", nesse grupo de doentes, não funcionava como um sintoma organizador; obviamente, o que a organizou foi precisamente o nó delirante que deu sentido e razão à sua existência e à sua dor. Não importava o quão horrível era – de alguma forma isso conseguiu sustentá-la algumas vezes, mas muito precariamente.

Isto é o que ela queria recuperar, para esquecer. Ela se perguntou se as coisas seriam diferentes se nunca tivesse falado.

Esse nó mortal, o que pode servir para amarrá-lo de novo, para torná-lo mais suportável, para temperar o horror e a dor da ferida dentro de sua espiral? Esta é a minha pergunta.

Tradução: Veridiana Marucio.

Um pequeno detalhe

Gracia Viscasillas

Lembro-me de um menino de 4 anos que atendi apenas por alguns meses substituindo temporariamente uma colega no Centro de Atención Temprana*. Sério, muito bonito, de uma beleza estática, fazia-se rodear por um silêncio que preservava uma distância. Cuidei para não quebrar seu silêncio, pois o peso da sua importância era patente. Assim, não lhe pedi palavras, e as minhas, poucas, tranquilas, se limitaram a emoldurar a sessão – ou seja, o momento da entrada e da saída – a nomear as coisas que escolhia e algumas das que ia fazendo, na tentativa de associar-me ao seu trabalho.

Houve um tempo em que eu sinalizava o final da sessão quando se ocupava em recolher cuidadosamente os materiais que havia pego. Tornara-se evidente para mim que ele mesmo marcara assim esse momento, e independentemente do tempo que tivéssemos gasto, fui dócil ao seu movimento.

Por vezes pegava uma folha e um lápis e começava a preencher toda a folha de uma forma singular: fazia um ponto sobre o qual seu lápis girava chegando a fazer um ponto grosso e logo o traço se esticava pela folha de maneira sinuosa, até deter-se em outro ponto, assim sucessivamente até preencher toda a folha, sem levantar o lápis do papel. É disto que quero falar-lhes, do seu desenho, das palavras e da imbricação com o corpo.

Lembro-me de uma sessão que se constituiu em uma virada. Ele estava desenhando, como das outras vezes, aparentemente abstraído em seus traços. Desta vez, enquanto ele fazia um dos seus pontos, lhe disse em tom monótono: “o buraco da boca”. Alheio às minhas palavras continuou desenhando. “O buraco dos olhos, um olho, outro olho...” continuei indicando, no ritmo dos seus pontos engrossados... “o buraco de uma orelha, da outra orelha”... e então algo aconteceu: levantou seus olhos do papel, olhou-me e ao mesmo tempo com a mão levava seus dedos aos buracos do nariz, sinalizando-os. Para mim foi um momento de comoção que não deixei transparecer nas minhas palavras seguintes, emitidas no mesmo tom monocórdio que as anteriores: “os buracos do nariz”. Depois disso levantou-se da cadeira e foi ao banheiro a ocupar-se de outros buracos.

A partir dessa sessão, surgiram mudanças significativas.

- Seu desenho mudou: continuava começando com um ponto, grosso, a partir do qual emergia o traço sinuoso, mas este traço finalizava retornando ao ponto inicial, emergindo algo da forma – ainda informe-, uma espécie de silhueta.

- Os contos, outro elemento que lhe interessara desde o início, ganharam uma importância diferente. Do “passar as páginas” cuja finalização eu sinalizava com um “acabou”, começou ele mesmo a dizer “acabou”, e a deter-se especialmente em alguns contos, e em algumas páginas: a imagem de um menino dormindo em sua cama com um monte de brinquedos espalhados ao seu redor, algumas imagens do “Libro da selva” e em outro conto, na página em que apareciam Mickey, Pateta e Pluto tocando violão, teclado e bateria, cantando.

- Se antes ocupava-se de que tudo ficasse meticulosamente em seu lugar, agora começara a espalhar. Lembro de uma sessão em que esvaziou um caixote de brinquedos que conhecia, até deixar somente um papel, um folheto do Centro. Depois pegou este caixote como escada e subiu um momento na estante. Aproximei-me para ajudá-lo, pensando que queria pegar algo do alto da estante, mas mostrou-se incomodado com minha intervenção, retirei-me. Nesse momento, eu não havia compreendido. Ao sair, a sala ficou sem arrumar. Somente quando voltei e ocupei-me de recolher as coisas, dei-me conta do “mistério do folheto”: nele aparecia a imagem de um menino de costas subindo em uma árvore, justamente a imagem que ele reproduzira.

Nesse período e posteriormente, este menino frequentava também o Jardim de Infância “Patinete”, onde eu trabalhava como coordenadora clínica da equipe educacional. Foi nesse espaço onde pudemos pesquisar algo mais do trabalho em curso dessa criança.

Também lá surgiu o interesse em tombar, e de maneira exagerada, caixotes de construções, de brinquedos, areia... Falei com a equipe sobre a cena do desenho, dos contos e do caixote, que era algo novo; ele estava trabalhando algo, convinha observar

e tentar entender o que estava em jogo. Ficou claro que era algo em relação ao corpo, pois observou-se que o virar era sobre seu corpo, como se a sensação produzida ao escorregar os materiais sobre si lhe permitisse captar algo do limite do corpo.

Então nos demos conta de que nesse período aparecia também um tratamento do corpo relacionado a seu trabalho com a imagem, pois surgiu um interesse muito particular pelo espelho. Houve o relato de uma cena impactante na qual o menino, sentado em frente a um espelho grande, captou a atenção da educadora pelo particular do olhar: O menino olhava o espelho onde aparecia a cena do grupo de crianças da sua classe brincando atrás dele, de modo que a imagem refletia ele mesmo entre as outras crianças, como um quadro no qual, permanecendo alheio ao grupo, fazia parte do mesmo.

Começou a aproximar-se dos espelhos fazendo caras e gestos estáticos, também pegava outros educadores e sua mãe para construir determinadas poses. Tanto nas sessões como em sua permanência no Jardim de Infância, nos demos conta de como na cena do folheto, parecia ensaiar gestos e posturas dos contos que escolhia: os objetos espalhados do menino dormindo, as posturas de Mickey, Pateta e Pluto com a música, e diversas cenas do conto do “Libro da selva” – também seu preferido no Patinete.

Em relação ao desenho, observou-se também a mudança referida anteriormente, a passagem à silhueta. Da forma fechada e informe passou à forma dos barcos, que começou a desenhar insistentemente.

Esse menino de quatro anos, hoje é um adolescente de 16 que realizou exposições das suas obras em diferentes países. Continuou no Patinete até os 5 anos, a partir disso teve um período de acompanhamento em um colégio de escolarização regular, com apoio. Até os 6 anos continuou frequentando o Centro de Atención Temprana, e a partir dessa idade até a presente data, segue seu percurso com uma colega psicanalista da ELP. Além disso, frequenta o grupo de adolescentes do Centro Torreón, também de orientação psicanalítica.

Atualmente localiza-se sob dois significantes que o nomeiam: artista e músico. Em relação à música, toca diferentes instrumentos, alguns deles aprendidos de forma autodidata. Conhece grupos, canções e datas de concertos, o que não deixa de aparecer em suas obras. Em relação ao desenho, é algo que nunca abandonou e que sua família, devido à importância que tomou para ele, sempre favoreceu.

Em sua infância, passou dos barcos aos trens, e especialmente aos planos das viagens que fazia com sua família, assinalando nos percursos os “pontos” com os nomes onde se encontravam as cidades por onde passavam. Também é capaz em um flash, com extrema rapidez, de desenhar as cidades, os povoados, captando o substancial, sem

abandonar os detalhes, que por outro lado tem a ver com sua própria história em sua permanência nesses lugares.

Mas, atualmente, em seus desenhos, em suas pinturas, agora cheias de cor e com um estilo muito singular, dedica-se fundamentalmente a desenhar aquelas pessoas que fazem parte da sua vida. Para tanto extrai e estampa aspectos que as caracterizam, aos quais acrescenta, numa perspectiva peculiar, personagens da música, dos *comics* e de filmes de desenhos animados da sua infância. E, algo a destacar: em todos eles aparece sempre um pequeno detalhe: os buracos do nariz.

*Centro de Atención Temprana, de Fundación Atención Temprana. (Centro de Atenção Precoce – Fundação Atenção Precoce)

Tradução: Paola Salinas

A crença no real e o amor

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Pareceu-me fundamental, nesta contribuição ao “*papers*”, destacar algo que aponta uma direção muito precisa quando se trata de “bem dizer” a análise do *parlêtre*. Encontramos essa precisão no texto de J.A-Miller “*O inconsciente e o corpo falante*”⁴² onde indica o ir além da “debilidade mental” e do “delírio” pela via da “tapeação (*duperie*)” – cito: “*A única via que se abre mais além (da debilidade mental e do delírio) é, para o falasser, fazer-se tolo (dupe) de uma real, quer dizer, montar um discurso no qual os semblantes obstringem um real, um real no qual se crê sem a ele aderir, um real que não tem sentido, indiferente ao sentido e que só pode ser aquilo que ele é*”.

Essa indicação, no entanto, nos leva à questão de saber como aceder a esse real; ademais, o fenômeno da “crença” se assenta sobre as bases do semblante. Sendo assim, como poderíamos juntar esses dois termos, “crença” e real? Ainda que uma análise não pretenda abolir, no sentido de reduzir a zero, os semblantes que sustentam uma vida, não nos parece possível elidir a questão na medida em que tal acesso não se dá por via direta. Ora, “obstringir” implica de qualquer modo numa redução e, digamos, uma redução levada ao seu extremo. Mas tal redução seria o bastante para que o acesso ao real pudesse se dar? Deixo a questão em suspenso para retomá-la adiante.

A debilidade mental, indica Miller nesse mesmo texto, diz respeito ao imaginário que suporta a crença de um sujeito em “ter um corpo”; do mesmo modo, o delírio é o produto da inscrição simbólica sobre o imaginário do corpo e, no que diz respeito à

⁴² Miller, J.A- “O inconsciente e o corpo falante” (apresentação do tema do Xº Congresso da AMP) in “*Scilicet O corpo falante , Sobre o inconsciente no século XXI*” – Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

crença, a noção mesma de “delírio” depende de seu valor de sentido. Destacamos então nesse trecho, que o fenômeno da crença, por estar ligado ao imaginário e ao simbólico, constitui-se na trama “da realidade”, se podemos dizer assim, mas de qualquer modo, sustentada no plano da fantasia. Nesse sentido, a noção de crença, aqui, não está desvinculada do amor, com o cuidado de não sobrepor uma coisa sobre a outra, na medida em que a adoração do corpo e o “crer-se belo (*s’croire beau*)” joga com o narcisismo.

Lacan observa, em seu texto, “*O fenômeno lacaniano*”⁴³, a função do amor no que ele implica “*amar a teu próximo como a ti mesmo*”, e indaga a razão que levaria o humano a amar o próximo, reforçando a ideia do narcisismo, e complementa: “- *É justamente aí que se encontra o fenômeno absolutamente fabuloso, que se realiza a partir disto: que o homem...ama sua imagem como o que lhe é mais próximo, isto é, o seu corpo.* Eis aí o que sustenta o amor em sua face de véu e no que ele porta de mal entendido pois, seguindo a frase de Lacan vemos se descortinar o equívoco: “*...Ele crê que seja eu. Cada um crê que seja ele. É um furo. E depois, fora, há a imagem. E com essa imagem, ele faz o mundo.*”

Se o homem faz o mundo sustentado na imagem de seu corpo que ele crê ter, o “furo” vem demarcar o que desta imagem escapa ao corpo, por isso, o “fora”. Neste sentido, o corpo do “parlêtre” entendido como corpo de gozo se constitui como um “vazio” e a imagem será a resposta “mental” produzida como consistência corporal. Ademais, o enlaçamento ao simbólico sustentará o corpo como “representado” no campo do Outro, através da significação fálica que fará do corpo um corpo de significantes, mortificando-o, mas não todo na medida em que a libido pode ser “confinada” no que Freud chamou de “zonas erógenas”.

A operação simbólica sustentada pelo “nome do pai”, por deixar restos, pode ser lida como produzindo uma falha inassimilável. A clínica atual nos demonstra, cada vez mais, que os semblantes, produtos do enlaçamento do simbólico com o imaginário, tendem a não apenas “*vacilar, mas de ser reconhecidos como semblantes*”⁴⁴, o que traz como consequência, a proliferação e a oferta indiscriminada de objetos, fundando uma falácia no que diz respeito ao corpo e ao seu gozo. Ou seja, a “debilidade” produzida pelo mental da consistência corporal e enlaçada ao simbólico “*destina o corpo falante como tal ao delírio*”⁴⁵.

Mas, como lembra também Miller, Lacan introduz “*há um real*”⁴⁶ que se antepõe ao semblante. Real que corresponde ao gozo do corpo e resiste à assimilação pelo semblante. Nesta medida, a vacilação dos semblantes, bem como a proliferação do sentido colocam a descoberto a “inexistência da relação sexual” que é propriamente o real que interessa à psicanálise.

Retomando agora a perspectiva traçada por Miller no que diz respeito à tapeação (*duperie*) em relação ao real, entendemos que a psicanálise, por intermédio da

⁴³ Lacan, J. “ O fenômeno lacaniano” in “Opção lacaniana, revista brasileira internacional de psicanálise” nº 68/69 – dezembro 2014 – Ed.Eolia – São Paulo, SP

⁴⁴ Miller, J.A- “ O inconsciente e o corpo falante” (apresentação do tema do X Congresso da AMP) in “Scilicet O corpo falante , Sobre o inconsciente no século XXI” – Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

⁴⁵ Idem,

⁴⁶ Idem,

palavra, mas operando sobre o sem sentido que essa palavra porta, pode sustentar um discurso calcado não na necessidade ou no possível, mas na contingência do encontro que abre para o impossível.

Uma operação de redução da palavra ao seu osso, ao sem sentido. Nesse ponto, a experiência do passe pode tentar transmitir como a singularidade do “sinthoma” pode ser decantada através do ato analítico que, por ser solitário, é marcado pela queda da crença nos semblantes.

Em minha experiência como AE em exercício, posso dizer que o “fazer-se tolo (*dupe*) de um real” pode me conduzir ao final da análise marcada por uma série de contingências que possibilitaram demarcar uma “zona de sombra” antes vivida como uma “sombra dismórfica” e que o passe circunscreveu como uma “sombra em anamorfose”. A crença no poder ameaçador da sombra fora substituída pela certeza adquirida através da contingência em que um “acting out” em cuja leitura podiam entrever-se as núpcias com a morte, fora tomado como o limite imposto pelo real. Para atravessar essa “zona mortal” sem que o corpo fosse consumido pelo gozo, foi necessário que o analista estivesse ali até o final, para sustentar com sua presença o alcance de um dizer fora dos ditos, possibilitando a produção de uma borda para o vazio. A crença no real fora balizada pela contingência que presidiu o ato analítico, não sem a constante do amor que se dirige, agora, ao o enlace com a Escola.

Portanto, não me parece que se possa passar de um registro ao outro, ou seja, da crença no semblante para a crença no real sem que a redução encontre na contingência um ponto de torção, no sentido topológico do termo, onde a operação analítica recai sobre o que do corpo se equivocou quanto ao real, ou seja, que o desejo do analista esteja ali onde o equívoco faz sua aparição para que a verdade possa advir como “verdade mentirosa”.

“Crer no real sem a ele aderir” exige a invenção lá onde o vazio do corpo se separa do objeto. Ademais, “saber fazer com o sinthoma” como um processo em continuidade, dá testemunho dessa separação sem que haja, por isto, uma anulação do vazio ou mesmo a produção de um semblante no qual se possa voltar a crer – ainda que se trate de uma aposta.

Equipe de tradução

Do Italiano: **Ana Paula S. Lorenzi**

Do Espanhol: **Paola Salinas**

Do Inglês: **Veridiana Marucio**

Do francês: **Teresinha N. M. Prado**

(coordenação e revisão)

Responsável pela versão

brasileira dos Papers:

Luiz Fernando Carrijo da Cunha